

Educación
FLACSO ARGENTINA
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales
propuesta@flacso.org.ar
ISSN 1995- 7785
ARGENTINA

Propuesta
Educativa
41

2014
Tempo de escolarização e civilidade da criança na
literatura brasileira,
por Magda C. Oliveira Sarat y Nubea Rodrigues Xavier,
Propuesta Educativa Número 41 – Año 23 – Jun. 2014 – Vol 1 – Págs 81 a 88

Tempo de escolarização e civilidade da criança na literatura brasileira

MAGDA C. OLIVEIRA SARAT
NUBEA RODRIGUES XAVIER**

Rememorar a infância pode nos remeter a uma concepção do tempo de ser criança diferente do que é determinado pelo calendário ou pelo relógio, o tempo *cronos* característico do universo adulto e das obrigações cotidianas. Tais lembranças, geralmente, recaem nos espaços de convivência que foram vivenciados em grupos sociais como a família, a escola, a igreja, os vizinhos, enfim, tempos de formação no qual estavam presentes elementos como a ludicidade, os aprendizados e todas as experiências de origem.

Portanto, rememorar se insere em uma história coletiva, ainda que lembrada individualmente, é resultado de experiências vividas em determinado tempo e espaço, seja na família, na escola, no bairro, na cidade, no campo por fim, nos grupos de pessoas do qual a criança faz parte. Tais elementos são marcados por um processo histórico e cultural através de um tempo cronológico e envolve cultura e grupo social. Neste contexto, levantamos a questão: Qual a concepção de crianças brasileiras, uma vez formado parte de sua experiência de escolaridade nas origens da formação do sistema educacional no início do século XX? Tal educação pode ser percebida nos fragmentos das obras literárias analisadas neste trabalho.

Ao recorrer a Elias (1998) em seus estudos sobre civilização, - inicial-

mente destacando o livro *Sobre o Tempo*¹ – é possível compreender que a reflexão sobre o tempo assim como o processo civilizatório é determinante na formação da criança/indivíduo que precisa aprender desde a mais tenra idade acerca de seu funcionamento. Assim, o tempo como um constructo social e cultural tornou-se “a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico”² (Elias, 1998: 17).

Tal pressuposto direciona esta reflexão que caminhará por dois aspectos: o tempo de convivência familiar e o tempo escolar presentes nas referências ao material empírico utilizado, qual seja as obras literárias de Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

A partir desses elementos, tentamos compreender a concepção de infância e de criança sob a ótica da individualização do sujeito e do papel da escola enquanto espaço de formação. Portanto, ao buscarmos imagens ou vestígios da concepção de criança, infância e escola na Literatura Brasileira, encontramos inúmeras possibilidades de reflexão, pois há uma variedade de gêneros e materiais que apontam pistas para compreensão da questão permitindo pensar tais temáticas como um ininterrupto e lento processo de civilização dos costumes e dos hábi-

tos infantis que foram percorridos na Literatura.

A infância permeada pela escolarização é um tempo que promove um processo de individualização da criança, pois passa a vê-la não somente como alguém que está em uma determinada fase, mas como uma categoria social importante e constituinte de um grupo que precisa receber a formação adequada a este. Tais características vão sendo definidas “nas diversas infâncias que se inventam em cada momento histórico e social”³ (Khoan, 2003: 3).

Neste aspecto, ao reconhecer as diferentes representações da infância buscamos compreender a construção do tempo escolar como um fenômeno da escolarização das crianças, considerado fundamental nas transformações acerca de suas concepções. Pensando com Elias esse tempo se revela como espaço de controle e contenção das emoções, dos comportamentos, dos sentimentos e promove uma padronização de um processo de civilidade que se constitui no interior da escola e representa uma determinada cultura da escola.

Sobre Tempo e Infância

Para a criança o tempo representa um símbolo social que é apresenta-



*Profesor del Programa de Postgrado, Facultad de Educación, Universidade Federal da Grande Dourados/ UFGD/Brazil. E-mail: magdaoliveira@ufgd.edu.br

**Maestra de la Secretaría del Educación de Mato Grosso do Sul/ SED/Brazil. E-mail: nubeaxavier@hotmail.com

do juntamente com normas e regras que estão dispostas em um espaço temporal de meses, semanas, dias, horas ou segundos, vinculadas às suas atividades, como exemplo: hora de comer; dormir, banhar-se, associado inicialmente as atividades primárias de cuidado e proteção, mas com o passar do tempo vão se tornando complexas em outras atividades e aprendizagens como hora de ir à escola, fazer as tarefas, hora de brincar, de assistir televisão, entre outras. Estes elementos, inicialmente, vão apresentar um cotidiano organizado e pronto para os pequenos, que deverá ser aprendido e assimilado.

Deste modo, individualmente este processo de internalização das normas, regras e aprendizagens denominado psicogênese por Elías, será resultado de um processo de sociogênese no plano social, portanto, coletivo que vai sendo apresentado à criança e que está previamente pronto e organizado por seus pares mais velhos. Cada relação estabelecida exigirá um tipo específico de controle e um tempo específico para se constituir. Conforme apresenta Elías, podemos dizer que as concepções de infância foram sendo construídas em um período de longa duração em um processo a ser aprendido e imposto socialmente à criança:

“Numa sociedade, o conceito de tempo não é objeto de uma aprendizagem, em sua simples qualidade de instrumento de uma reflexão destinada a encontrar seu resultado em tratados de filosofia: ao crescer, com efeito, toda criança vai-se familiarizando com o ‘tempo’ como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo”⁴ (Elías, 1998: 14).

Portanto um tempo de experiências vividas no qual as crianças vão aprendendo e se constituindo como indivíduos. Elías (1998) apresenta o tempo como um símbolo social que não existe em si mesmo, mas foi produzido e criado pelo homem, para regular e constringer a si mesmo.

Neste contexto, ao fazer comparações entre diferentes civilizações observou que as sociedades estabeleciam funções que organizavam o cotidiano e a atuação humana em sociedade, desencadeando um número de ações e atividades, que os conduzia a uma nova utilização do tempo como regente de sua ação.

Progressivamente o desenvolvimento humano ficou mais dependente das ferramentas elaboradas para medir o tempo, que caracteriza as sociedades mais complexas, a criação do relógio representa uma estratégia da auto-regulação dos comportamentos, atos, desejos, emoções e experiências. Portanto, o tempo como símbolo social desta elaboração humana se estende ao indivíduo ao nascer, que deverá se apropriar deste conhecimento. Para isso, a escola é um dos espaços sociais de aprendizagem regulada pelo tempo, pois sua organização esta firmada em período de atividades específicas do chamado tempo escolar.

Tal tempo escolar poderá durar muitos anos para a criança – a escolarização da infância na nossa sociedade se constitui em torno de dez anos se considerarmos a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental. Portanto, esse tempo escolar é obrigatório como parte do seu processo civilizatório de aprendizagem social e cultural pois *“mesmo na sociedade civilizada, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social”⁵ (Elías, 1994: 15).* E, e estamos nomeando criança o indivíduo que tem até 12 anos incompletos, segundo o ECA⁶ -Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90.

Deste modo, a escola também será o lugar de convívio com diversas normas de civilidade, de contenção das emoções, adequação de comportamento, controle e autocontrole determinando uma grande carga de aprendizagem de regras e normatizações importantes para a vida do

indivíduo no grupo. Nesse sentido, destacamos a importância da aprendizagem do tempo nas instâncias de escolarização, *“tanto espaço quanto o tempo escolar ensinam permitindo a interiorização de comportamentos e de representações sociais”⁷ (Vidal & Faria Filho, 2005: 20).*

Neste contexto, buscamos duas obras literárias que nos instigam a compreender a temática proposta. Uma obra memorialística e outra autobiográfica escritas e publicadas na primeira metade do século, mas que descreviam um modelo escolar muito presente nos finais do século XIX e início do século XX, período da infância dos autores.

O modelo da escola presente nas obras estava envolto em um conjunto de regras e normas que deveriam ser observadas, tornando a aprendizagem formal um modo de conformação dos comportamentos infantis e fazendo a criança tornar-se aluno. Sobre essa discussão temos algumas investigações de autores da História da Educação⁸ apresentados na bibliografia deste trabalho. Tal experiência, também, está presente em outros países da América Latina, como é possível depreender, por exemplo, na experiência Argentina que organiza seu sistema educativo nacional incluindo as crianças como parte de um projeto nacional de modernização. Segundo Carli (2011: 39), *“a partir de la obligatoriedad de la escuela pública (...), los niños entre los 6 y 14 años debían devenir alumnos. En el imaginario de la época, una generación escolarizada se convirtió en condición para la existencia de un país moderno”.*

As relações estabelecidas na escola são parte das experiências sociais vividas por todos os indivíduos em diferentes grupos e que representa *“uma dinâmica repleta de conflitos e tensões entre redes de indivíduos, grupos e instituições interdependentes”⁹ (Veiga, 2009: 19)* que estão em permanente construção e são fundamentais na composição dos espaços de aprendizagem coletiva e in-

dividual. Sobre a mesma discussão outros autores¹⁰ podem contribuir, porém, no momento, não é o foco deste trabalho.

Sobre a Literatura pesquisada

As obras literárias aqui são percebidas como uma expressão produzida socialmente, por indivíduos ligados a interesses e motivações e constituiu-se na perspectiva de compreensão do processo escolar. Portanto, a pesquisa bibliográfica parte de uma análise histórica e social da educação brasileira, utilizando o imaginário cultural produzido na literatura – sabemos dos limites desta documentação que são textos ficcionais da competência dos estudos literários, no entanto, dado o seu caráter testemunhal isto não impede que sejam utilizados para pensar a construção histórica da infância, da escolarização e da sociedade.

Neste contexto, apresentamos as obras *Menino de Engenho*¹¹ de José Lins do Rego e *Infância*¹² de Graciliano Ramos, escritas e publicadas respectivamente em 1932 e 1945.

Na obra *Menino de Engenho* percebe-se o declínio dos senhores de engenho e de um regime político, social e econômico que historicamente afeta os adultos e repercute nas crianças no modo como aparecem na obra. O romance apresenta em meio às mazelas do mundo dos adultos uma criança que vive num contexto de grande diversidade étnica e cultural, representada por um regime escravocrata. Em meio a conflitos étnicos, as relações familiares oscilam entre afetividade e autoritarismo. Todos estes elementos vão ajudar a constituir a percepção da criança que sai do espaço familiar para a escola.

A obra literária expressa momentos em que percebemos o menino vivendo diferentes experiências com o tempo, na medida em que o autor o apresenta como uma criança doente, que em grandes períodos es-

tava ausente das brincadeiras com as outras crianças, os meninos do engenho.

O menino Carlos, protagonista do romance, vive uma personagem que se distancia das outras crianças, os chamados “moleques”, filhos dos escravos e empregados do engenho. Deste modo, o autor descreve que em suas reflexões solitárias, as angústias e os conflitos intensificam-se. Surge o medo da morte e, um constante questionamento interior sobre sua condição de criança - menino diferente dos demais - também por ser neto do senhor de engenho o que lhe valia um cuidado marcado pela diferença e por certos privilégios com os demais adultos, já que era órfão e morava com os avós.

No romance há o questionamento do narrador-autor, sobre temáticas que não são recorrentes nas crianças como a solidão almejada por ele, o menino personagem dedica-se aos seus questionamentos interiores. No excerto que descreve quando a menino Carlos está caçando passarinhos:

*“Muitos chegavam, examinavam tudo, punham o bico quase que dentro do alçapão, e iam embora, bem senhores do que se preparava para eles. Enquanto os canarinhos vinham e voltavam, eu me metia comigo mesmo, nos meus íntimos solilóquios de caçador. Pensava em tanta coisa...”*¹³ (Rego, 2009: 94).

Nesse fragmento há uma tentativa em compreender o tempo na perspectiva da criança, na imagem do menino que “espera o pássaro” cair na armadilha, enquanto experimenta a experiência do silêncio, do tempo ocioso, do tempo do ócio da espera indeterminada, que o narrador apresenta.

Percebemos que os momentos de introspecção do menino-narrador é um tempo destinado somente a si mesmo em que desfruta deste isolamento, sem a presença ou intromissão dos adultos. Ele consegue

sair do vigiar constante dos adultos e obtém a ‘felicidade’ de ser criança, sem vigilância do seu comportamento. No texto narrativo a felicidade se caracteriza por um tempo longe do olhar adulto

Nesta obra, observamos que o tempo do menino oscilava entre momentos de brincadeiras, ludicidade e tempo de reflexão das angústias e incompreensões da infância, apresentado pelo narrador/autor como uma imagem que expressava o sentimento da infância vivida no período quando se está criança. O autor apresenta no texto uma ínfima diferença entre suas brincadeiras e seus pensamentos, como se não houvesse distinção entre tempos e espaços. O menino brincava ou refletia sobre suas aflições na mesma medida.

Na obra *Infância* de Graciliano Ramos, o contexto histórico e social descrito é a passagem do século XIX ao XX, no interior dos estados de Alagoas e de Pernambuco. O autor narra um período de mudanças na sua família que foge da seca, e expressa no texto a passagem de uma economia agrária, - baseada no cultivo da cana de açúcar - para um período de ascensão do café, surgimento da pequena indústria e do comércio que caracteriza as transformações do início do século XX.

Os relatos de suas memórias pessoais significam a experiência infantil, e desmistifica a imagem de inocência e de felicidade infantil, à medida que o autor vai descrevendo a experiência da criança, a partir da indiferença, da dureza e das injustiças que marcam as relações entre adultos e crianças descritas por ele.

No texto *Infância* o tempo da criança ficava disposto em reflexões e brincadeiras solitárias, o ambiente das brincadeiras circulava entre o ‘paiol’¹⁴, o ‘muro de tijolos de copiar’¹⁵ e as ‘sombrias da fazenda’¹⁶. A brincadeira perpassava por coisas simples da infância como o brincar com os ‘seixos e ossos’¹⁷, de ‘cabra-cega’¹⁸, ou simplesmente, ‘sentar

à janela da casa e observar a mata balançando as pernas¹⁹. Não podia ter brinquedos industrializados como os ricos, mas contentava-se em ‘engenhá-los de barro’²⁰. O que estava a sua volta era o mundo adulto “feito caixa de brinquedo, os homens reduzidos ao tamanho de um polegar de crianças”²¹ (Ramos, 2009: 108).

Neste contexto, as brincadeiras, a ludicidade, a imaginação dos meninos ou das crianças nas duas obras, “*Infância*” e “*Menino de Engenho*” aconteciam entre pequenos objetos, espaços estreitos, sombras esquecidas, suspiros dos bichos, brinquedos feitos de gravetos e restos. Os meninos-personagens desejavam viver suas infâncias, em um tempo onde eram continuamente convocados à responsabilidade e as exigências dos adultos que se efetivava nas cobranças e obrigações, concretas de um tempo cronológico considerado o “tempo do aprender”.

vasta como presumi²³ se percebe a consciência do espaço, depois de visto com distanciamento, pois o autor o está descrevendo como adulto, é possível perceber que a escola não era tão grande como a lembrança. Podemos dizer que ao crescermos temos a sensação de que a ‘nossa mãe’, nos parecia maior do que ela realmente é. Tal experiência pode ser usada para descrever essa noção do espaço.

A aprendizagem do menino estava vinculada a um tempo de sofrimento e angústia. O tempo de aprender parece instituído como período direcionado por normas e regras, sanções, castigos físicos e psicológicos produzindo cicatrizes.

A imagem da escola apresentada na obra de Graciliano é caracterizada como castradora e severa, espaço no qual se impunham às crianças amarras, austeridade e incompreensão. O processo de escolarização representa uma mudança dos tempos, do ser criança para o ser aluno e aprender. A escola teria a responsabilidade de transformar os meninos e seus momentos de liberdade em alunos trocando bruscamente para um período de escolarização.

A escola, o exercício da escrita e leitura representada por Graciliano Ramos se entrecruza por dois elementos temporais: o passado e o presente. O passado percebido no momento quando ele aprendeu a escrever, e como ele diz foi “constrangido pelas leis da gramática”²⁴, pelos castigos físicos e a humilhação da infância. E o segundo momento, no presente, quando o autor adulto foi constrangido pelas leis da política, e perdeu a liberdade, foi preso político, em função da sua escrita e suas posições contundentes e subversivas aos olhos dos algozes.

O processo de alfabetização do menino em Graciliano demonstra o quanto às emoções relacionadas ao medo e a vergonha estiveram presentes e foram implacáveis no aprendizado do menino. O tempo

foi representado por horas intermináveis de aprendizagem com o pai e a necessidade de adaptação que impõe à criança um tempo que ainda estava aprendendo a compreender.

O tempo contado pelo *cronos* o tempo do relógio, do adulto e do trabalho, está representado por horas intermináveis na escola. Tais horas percebidas pelo menino como um período de perda, que se arrastava por um tempo angustiante e sem sentido. As lições tomadas em conjunto com a palmatória, levavam o menino a questionar a severidade do processo de aprendizagem e a necessidade de aprender e se adequar a esse novo momento da vida, a escola. Os códigos instituídos no processo de aprender impunham medo e vergonha, o relógio, o uniforme, o livro, a palmatória estes elementos simbólicos formalizavam o modelo civilizador escolar e faziam parte da cultura da escola.

Na obra de José Lins do Rego temos um retrato de uma escola menos castradora em relação à descrição na obra de Graciliano Ramos. Entretanto, com a mesma característica de adestrção e institucionalização do tempo escolar em oposição ao tempo de brincar. No obra o menino Carlos percebe a escola por uma ausência de significados e como lugar de castigos e limites. O autor lembra que “ficava eu horas a fio sentado na sala de costura, com a carta de abc na mão, enquanto por fora da casa eu ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar [...] e as letras não me entavam na cabeça”²⁵ (Rego, 2009: 94).

Observa-se que quando ficava a caçar passarinhos, a tomar banho no rio ou a correr junto com os meninos do engenho, o fator tempo não é apresentado como uma preocupação, pois nesse momento ele apenas desfrutava e divertia-se com atividades na qual estava envolvido. Contudo, na hora/tempo do aprendizado com a cartilha, aparece uma representação de tempo como se fossem ‘horas a fio’ que vai pesando e enredando o menino no limite cro-

Tempo e Processo Civilizador Escolar em “*Infância*” e “*Menino de Engenho*”

Na obra, *Infância* de Graciliano Ramos, o ambiente escolar é caracterizado pela grandiosidade e a lembrança do tamanho da escola. A imaginação do menino retrata a entrada no mundo destinado às crianças, mas que fora construído por adultos. As carteiras, o quadro, a sala, os materiais didáticos e o professor eram como ‘gigantes em terra de anões’²². Tudo na escola se mostrava estranho e diferente na memória do menino que lembra. Neste fragmento ele descreve.

Interessante perceber neste fragmento, um aspecto da representação de mundo da criança com relação ao espaço físico. Na percepção infantil, o espaço é sempre maior quando se é criança, pois o menino está em desvantagem por ser menor que o mundo preparado para ele. No texto “com certeza não era

nológico e produtivista da atividade escolar.

A criança-personagem consegue compreender o tempo cronológico como um tempo de trabalho no qual se obriga a aprender, a realizar leituras, tarefas que fazem parte de sua obrigação como aluno que vai a escola para aprender conteúdos, que a primeira vista lhe parece insignificante e desnecessário. O tempo/trabalho é marcado pela ausência da brincadeira e pela dedicação as longas horas de aprendizagem, percorrendo sofríveis e incompreensíveis lições diárias que quando não aprendidas resultavam em castigos e humilhações. O ato e o tempo de aprender estão, neste caso, marcados pelo medo apanhar. Há, portanto, que se considerar - historicamente - neste período era facultada a escola o uso de castigos físicos como forma de correção às crianças que as frequentava. Nas memórias de Menino de engenho, de José Lins do Rego, o tempo é percebido como um "tempo perdido" nas horas da lição. Esta perda era algo que o menino não aceitava, pois, conjecturava que poderia estar se divertindo, brincando longe das regras e do controle dos adultos.

Tempos finais

A proposta de analisar as obras literárias foi no sentido de buscar elementos de uma cultura escolar que faz parte da vida de todas as crianças. A partir da escola temos possibilidade de apreender aspectos sociais que podem ser percebidos em elementos como: o tratamento dispensado por adultos às crianças no ambiente escolar; as relações implicadas diretamente nos modelos de comportamento para a criança; o tempo dispensado para o aprendizado de atividades; as atividades de coerção e castigos; o tempo da brincadeira e o lugar das normas, regras e práticas disciplinares; entre outros. Tais elementos são presentes nas análises das obras em questão,

apontando que o processo civilizador determinado pela escola determinava as relações entre adultos e crianças e dirigiam as mudanças nos comportamentos.

Deste modo, o processo de escolarização impôs um novo ritmo ao modo lúdico da criança, pois o brincar, antes percebido como algo processual e natural no cotidiano da criança; tornou-se fixo e direcionado por um ritmo escolar regulado pelo tempo cronológico. Na escola, a criança teve que aprender e adaptar-se ao 'momento do brincar', que agora é dirigido por um tempo demarcado, o recreio que foi instituído pela escola como período único para a brincadeira.

O tempo escolar impunha e impõe ainda hoje na experiência de toda criança, se considerarmos o fator tempo. Ou seja, o brincar tem hora para começar e para terminar de acordo com uma convenção dirigida e regulada pelos adultos. A criança precisa adaptar-se e compartimentar seu período escolar em tempo de brincadeira; tempo de estudos e tempo de conviver. Tais instituições foram sendo apreendidas e ressignificadas a partir de símbolos que marcam esse tempo, o sino, o relógio, a ordem do adulto ensinando o sentido e a existência do tempo.

Juntamente com esse aprendizado, nas obras literárias, 'os meninos-personagens', tinham que aprender os comportamentos sociais aprovados. Deste modo, meninos descritos como desregrados/desregulados iam à escola para serem 'consertados', ou seja, para adaptarem-se aos padrões corretos e adequados ao seu grupo. Caberia à escola tal responsabilidade de conduzir, preparar, se preciso fosse reprovar, punir, mas tornar a criança um sujeito civilizado que pudesse conviver em sociedade.

As obras literárias *Menino de Engenho* e *Infância* apresentam inúmeros exemplos de contravenção por parte dos meninos que exercitavam

sua insubmissão a partir das fugas, transgressões, resistências, negação do estudo, portanto, a necessidade institucional de implementar castigos e práticas repressoras. Um exemplo perceptível é a necessidade de construção dos muros ao redor da escola na tentativa de separá-la da rua como medida de segurança. Sobre a questão alguns autores como Gouvea (2007); Lopes; Faria Filho; Fernandes (2007) e Vago (2007) entre outros, apontam que a escola impunha a criança amarras que a restringiam.

Neste contexto, inspirado em Elias (1993), podemos dizer que estamos imersos em uma rede de interdependências, na qual todos os indivíduos participam de instituições que tem modelos de comportamento a serem constituídos, portanto, controlados, autocontrolados e direcionados pelo grupo social. Pois, a necessidade de criar mecanismos de controle social é mediada e organizada pelos próprios indivíduos, no sentido de organizar e disciplinar a convivência entre os grupos. A escola será uma destas instituições de educação formal dos pequenos.

Deste modo ao buscar as entrefaces entre literatura, história da criança e história da escola, podemos observar que o processo de distanciamento entre adultos e crianças, como elemento de privatização das relações, foi um marco importante na constituição da individualização da criança, da existência social da infância e da conformação da escola como modelo social de aprendizagem. As crianças saíram da condição do espaço privado familiar para o um espaço público institucional representado pela escola, na qual são vistas como aprendizes, alunos em um ambiente organizado para esse fim. O processo de escolarização foi imprescindível na separação entre adultos e crianças e na constituição de uma civilidade desejada e esperada, especialmente, no período apresentado.

Portanto, as crianças passam de um

tempo livre, considerando a brincadeira, para um tempo regulado no espaço temporal da escola. Assim, o relógio aparece como a personificação do tempo e o trabalho passa a fazer parte da vida da criança e do seu cotidiano.

Assim, a infância é determinada por regras, normatizações e civili-

zação permeados por um tempo elaborado pelos adultos em que a escola, em determinados períodos, funcionou como um instrumento civilizador, disciplinador, contendo os instintos das crianças, dentro dos preceitos sociais. As práticas pedagógicas, o tempo dispensado para a aprendizagem, para o cuidado com o corpo, como comportar-se

adequadamente em todas as situações e o uso das regras de civilização, formam um estrutura de normas e instintos de acordo com os preceitos escolares.

Recibido el 12 de abril de 2012
Aceptado el 15 de octubre de 2013

Bibliografía

- ARIÈS, P. (1981), *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro, L T C Editora.
- Brasil (1990), *Estatuto da criança e do adolescente*, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
- CARLI, S. (2002), *Niñez, pedagogía y política. Transformaciones de los discursos acerca de la infancia en la historia de la educación argentina entre 1880 y 1955*, Buenos Aires, UBA/Miño y Dávila editores.
- CARLI, S. (2011), *La memoria de la infancia: estudios sobre historia, cultura y sociedad*, Buenos Aires, Paidós.
- ELIAS, N. (1993), *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- ELIAS, N. (1994), *O processo civilizador, uma história dos costumes*, Rio de Janeiro, Zahar, vol. 1.
- ELIAS, N. (1998), *Sobre o tempo*, Rio de Janeiro, Zahar.
- GOUVEA, M. C. S. de (2009), *A escrita da história da infância: periodização e fontes*, Rio de Janeiro, Vozes.
- GOUVEA, M. C. S. de (2007) (comps.), *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*, Belo Horizonte, Autêntica.
- KAPLAN, C. y ORCE, V. (2009), *Poder, Práticas Sociales y Proceso Civilizador, Los usos de Norbert Elias*, Buenos Aires, Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico.
- KAPLAN, C. y ORCE, V. (1997), *La inteligencia escolarizada, Representaciones sociales de los maestros acerca de los alumnos y su eficacia simbólica*, Buenos Aires, Miño Dávila editores.
- KHOAN, W. (2003), *Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância*, Rio de Janeiro, Ed. UFSC.
- KUHLMANN Jr., M. (2002), "A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX", en M. C. Freitas y M. Kuhlmann Jr. (comps.), *Os intelectuais na história da infância*, São Paulo, Cortez, pp. 459-503.
- LOPES, A.; Faria Filho, L. M. de; Fernandes, R. (2007), *Para a compreensão histórica da infância*, Belo Horizonte, Autêntica.
- OLIVEIRA, L. C.; Sarat, M. (2009), *Educação infantil: história e gestão educacional*, Dourados/MS, UFGD.
- RAMOS, G. (2009), *Infância*, Rio de Janeiro, Editora Record.
- REGO, J. L. do (2009), *Menino de engenho*, Rio de Janeiro, José Olympo.
- SZIR, S. (2006), *Infancia y Cultura Visual: los periódicos ilustrados para niños (1880-1910)*, Buenos Aires, Miño y Dávila.
- VAGO, T. M. (2007), "Uma verdadeira revolução de costumes: educação de corpos infantis na reforma do ensino de 1906 em Minas Gerais", en F. Lopes y F. Fernandes (orgs.), *Para a compreensão histórica da infância*, São Paulo, Autentica.
- VEIGA, C. G. (2009), "O processo escolarizador da infância em Minas Gerais (1835-1906): geração, gênero, classe social e etnia", en L. C. Oliveira, M. Sarat, *Educação infantil, história e gestão educacional*, Dourados/MS, UFGD.
- VEIGA, C. G. (2010), "As crianças na história da educação", en Souza, G. de, *Educar na infância, perspectivas histórico-sociais*, São Paulo, Contexto.
- VIDAL, D. G., Faria Filho, L. M. de (2005), *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*, São Paulo, Autores Associados.

Notas

- ¹ obre o tempo.
- ² A representação simbólica se amplia de acordo com a rede de relações que reúne inúmeras sequências de caráter individual, social ou simplesmente físico.
- ³ Sobre essa temática temos os trabalhos dos historiados tenemos los trabajos Phillipe Ariès em seu clássico 'História Social da Criança e da Família' pioneira na discussão da inserção social e do surgimento histórico do sentimento da infância e da concepção de criança na Modernidade.
- ⁴ O indivíduo, para crescer, aprender a interpretar os sinais temporais utilizados em sua sociedade e orientar o seu comportamento com base nelas.
- ⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente.
- ⁶ Ainda na sociedade civilizada, nenhum ser humano chega pronto ao mundo e o processo civilizador individual que é instituído obrigatoriamente acaba por ocasionar mudanças em função do processo civilizador social.
- ⁷ As formas como sucedem a aquisição do conhecimento e das habilidades podem ser compreendidas além dos limites da escola, identificando seu modo de pensar e atuar de acordo com a nossa sociedade.
- ⁸ Acerca dessa questão ver: Veiga, 2010; Gouvea, 2009; Kuhlmann Jr., 2002; Oliveira y Sarat, 2009, entre outros nesta bibliografia.
- ⁹ Uma dinâmica repleta de conflitos e tensões entre as redes de indivíduos, grupos e instituições interdependentes.
- ¹⁰ Sobre os processos de escolarização na Argentina destacamos também as pesquisas de Kaplan (1997) Kaplan e Orce (2009); Carli (2002); e Sandra Szir (2006), entre outros. Veja na bibliografia desta pesquisa.
- ¹¹ A obra literária *Menino de engenho* é uma autobiografia sobre a sua infância, escrita em 1932, por José Lins ou o Zé Lins, em que seu personagem, um menino narra sua história dos quatro aos doze anos de idade, no engenho de cana de açúcar, em Pernambuco. A narrativa, não é uma obra destinada às crianças, mas trazem em seu bojo as perspectivas, angústias, melancolia e tristezas da infância dos fins do século XIX e início do século XX.
- ¹² A obra *Infância de Graciliano Ramos*, escrita em 1945, em que descreve um contexto histórico e social da passagem do século XIX ao XX, no interior de Alagoas e de Pernambuco. Em que narra o seu período de mudanças da sua família, que fugindo da seca, demonstra a passagem de uma economia agrária, fundamentada no cultivo da cana de açúcar, na ascensão do café, na pequena indústria e no comércio.
- ¹³ Muchos llegaban, examinaban todo, casi ponían el pico dentro de la trampa, y se marchaban, muy señores de lo que se preparaba para ellos. Mientras los canaritos venían y volvían, yo me metía en mí mismo, en mis íntimos soliloquios de cazador. Pensaba en tantas cosas...Seguramente no era amplia, como presumí.
- ¹⁴ Granero o pañol.
- ¹⁵ Muro de ladrillos.
- ¹⁶ Sombras de la hacienda.
- ¹⁷ Piedras y huesos.
- ¹⁸ Gallina ciega.
- ¹⁹ Sentarse frente a la ventana de la casa y observar la mata moviéndose las piernas.
- ²⁰ Ingeniar muñecos de barro.
- ²¹ Como una caja de juguetes, los hombres reducidos al tamaño de un pulgar de niños.
- ²² Gigantes en tierra de enanos.
- ²³ Seguramente no era amplia, como presumí.
- ²⁴ Constreñido por las leyes de la gramática.
- ²⁵ Yo me quedaba varias horas sentado en la sala de costura, con el impreso de abc en la mano, mientras afuera yo oía el ruido de la vida que no me dejaban tener [...] y las letras no me entraban en la cabeza.

Resumen

Este artículo es un fragmento de un estudio ya concluido de maestría que tiene por objetivo comprender el carácter civilizatorio de la escuela a partir de un elemento importante: el tiempo, aquí discutido desde las teorías de Norbert Elias. Tal estudio se basa en el análisis bibliográfico y literario de las obras "Menino de Engenho" de José Lins do Rego e "Infância" de Graciliano Ramos. El trabajo aborda las percepciones de infancia y escolarización del niño a mediados de los siglos XIX y XX, período presente en las obras literarias, y busca comprender el "tiempo escolar" como elemento de normalización de reglas, de imposición de normas y como proyecto civilizatorio para niños en determinados grupos sociales.

Palabras clave

Niñez - Literatura - Proceso Civilizatorio - Tiempo en la escuela

Abstract

This search is an excerpt about a completed master's research have as an objective to understand civilizing character of the school from an important element, the time, observed from the theories Norbert Elias. This article analyses of literature and literary search "Menino de engenho" by José Lins do Rego and "Infância" by Graciliano Ramos. The study shows the perceptions of childhood and children's schooling in the mid-nineteenth and twentieth centuries, this period in literary essays understands the "school time" as an element standardization of rules, enforcement of orders and civilization proposal for children in certain social groups.

Keywords

Childhood - Literature - Civilizing Process - School time

Resumo

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída que tem como objetivo compreender o caráter civilizador da escola a partir de um elemento importante que é o tempo, discutido aqui á luz das teorias de Norbert Elias. Tal pressuposto ancorou-se na análise bibliográfica e literária das obras de "Menino de Engenho" de José Lins do Rego e "Infância" de Graciliano Ramos. O estudo trata das percepções de infância e escolarização da criança em meados dos séculos XIX e XX, período presente nas obras literárias e procura compreender o "tempo escolar" como elemento de normalização de regras, de imposição de normas e como projeto civilizatório para crianças em determinados grupos sociais.

Palavras chave

Infância - Literatura - Processo Civilizador - Tempo Escolar